

“Literatura de viagem” in Stelamaris Coser (Organizadora), *Viagens, Deslocamentos, Espaços. Conceitos críticos*. Vitória E.S.: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (Edufes), 2016. 194-202

ISBN = 978-85-7772-337-9

LITERATURA DE VIAGEM

Enric Bou

A literatura de viagem descreve a viagem do autor a um lugar distante e estrangeiro, ou trata dos hábitos e costumes, da flora e da fauna de um lugar distante. O gênero ‘literatura de viagem’ inclui a literatura de excursões, a literatura de exploração da natureza, a literatura de aventuras e os guias, assim como as narrações de visitas a países estrangeiros. Pode-se considerar que os diários de viagem, escritos que contam as experiências de um viajante, são um subgênero dos livros de viagem.

O livro de viagens (*travelogue*) é parasitário de outros gêneros: do poema épico (a *Odisseia*), do romance (o *Quixote*), do diário íntimo, ou do livro de memórias. Não deve ser confundido com os guias turísticos, ainda que estes sejam com frequência textos de referência. O quadro a seguir mostra as diferenças entre autor e leitor; a transformação do texto de rascunho em livro, durante e através da viagem; de caderno de anotações em livro; e as diferenças de atitude entre aquele que escreve e aquele que lê, ou seja, a transformação do autor/viajante em leitor/turista. O gráfico insinua também uma das metáforas implícitas neste gênero literário: a escrita e a leitura de um livro de viagens se tornam, por sua vez, uma outra viagem, junto com a vontade de observação do viajante e a atitude reverencial do leitor para com o protagonista da viagem.



A unidade singular do texto é determinada pelo fato de que a viagem constitui uma unidade de sentido no transcurso de uma vida. Assim, constatamos algumas variantes importantes com respeito a outros gêneros autobiográficos e a outros textos de ficção: a importância do protagonista da viagem e das razões íntimas que conduzem o viajante a se afastar de seu mundo; as particularidades temáticas que imprimem força no início (a justificativa do motivo da viagem) e no seu encerramento (a valoração do que se aprendeu); alguns traços formais, como a tendência – consciente e confessa – ao plágio. É também característica a relação entre tempo-espaço e a reflexão metaliterária sobre o livro que se escreve, ou seja, a problematização do gênero.

O viajante adota uma atitude que é a do aventureiro, porque cumpre alguns dos requisitos analisados por Georg Simmel (1983, p. 13): “*Und zwar ist nun die Form des Abenteuers, im allerallgemeinsten: dass es aus dem Zusammenhange des Lebens herausfällt*” (“Mais exatamente, a forma mais generalizada de aventura é virar as costas à monotonia da vida”). No livro de viagens existe uma dialogia elementar que exerce um papel essencial: entre o livro que se constrói e o guia de viagem, mais prosaico, que serve como fonte de informação. Como explicou Jean Rousset (1986, p. 126): “Os viajantes contam com os guias, que eles citam, anotam, e criticam de bom grado”.¹ As leituras anteriores são citadas literalmente ou plagiadas. Algumas citações servem para provar a autenticidade da experiência (conversas, inclusão de documentos, citação dos próprios diários ou notas); outras invocam algum outro tipo de referencialidade, tradição, ou intertextualidade (GROSS, 1989-90, p. 231).

A combinação das duas fontes produz a alternância característica que ocorre no livro de viagens entre a primeira e a terceira pessoa. A relação entre tempo e espaço é característica: domina o presente, como nas anotações diárias e nas cartas, em razão da incerteza da aventura, do surgimento não programado de novas experiências. A unidade de medida, como no diário, é a duração do dia. O tempo é condicionado e fica submetido ao fator espacial, que é dominante, porque se trata do avanço na direção a um espaço novo. Isso implica uma atenção à mudança, sublinhando as diferenças que assume, para o viajante, o lugar que ele visita (de destino e passagem) do lugar que conhece (ponto de origem e retorno).

O livro de viagens é um texto que se nutre de evidências reais, mas que ao mesmo tempo tem um sentido espiritual. Como escreveu Fussell, é um texto que se autentica a si

¹ No original francês: “*les voyageurs s'appuient sur des guides, qu'ils citent, qu'ils démarquent, qu'ils critiquent volontiers*”.

mesmo pela constatação de realidades: povos distintos, barcos, trens, arquitetura, comida exótica. Ao mesmo tempo, segundo a convenção genérica, a viagem deve ser representada e tem que assumir um sentido, seja ele metafísico, psicológico, artístico, religioso ou político, mas sempre ético. Um livro de viagens é como um poema, já que dá um sentido universal a uma textura local (FUSSELL, 1980, p. 214).

O livro de viagens mais antigo que se conhece é o relato de um viajante egípcio anônimo do ano 1300 a.C.. Heródoto viajou pelo Egito e África. Na China, os relatos de viagem de Fa-Hian (c. 400 d.C.) e de Shuman Hwui-Li descrevem os confins mais distantes do leste do império chinês. Em Roma, destaca-se Gaius Solinus (c. 250 d.C.). Na Idade Média, destaca-se Marco Polo (c. 1254-1324 d.C.), que viajou da Itália à China, e o viajante árabe Ibn Battuta (1304-1378 d.C.), que passou vinte e oito anos viajando por Espanha, Rússia, Índia, África, Egito e outros lugares. O frade Giordano de Sérac viajou à Armênia e à Índia e escreveu um relato das histórias que por lá escutou sobre o Extremo Oriente.

Um momento culminante para a escrita de viagens foi o Renascimento, quando se descobriu o hemisfério ocidental e surgiram mapas cada vez mais precisos e modernos instrumentos de navegação, que permitiram aos exploradores atingir lugares e efetuar descobrimentos cada vez mais longínquos. A existência de uma literatura de viagens medieval serviu de estímulo à expansão e colonização europeia. Às vezes o livro de viagens pode servir como um retrato sutil da própria sociedade sob uma perspectiva aparentemente distanciada, aproveitando a deformação introduzida pela observação de realidades muito diferentes e que não são bem compreendidas. Dois exemplos: as *Lettres persannes* de Montesquieu e o *Candide* de Voltaire, obras de filósofos que analisam em profundidade a própria sociedade refletida no espelho imaginário, e aparentemente neutro, dos problemas de civilizações supostamente primitivas.

A literatura de viagens pós-colonial se opõe à literatura tradicional de viagens, notoriamente eurocêntrica. As viagens sob uma perspectiva eurocêntrica produziam uma escrita essencialmente colonial. Em contrapartida, textos como os de V.S. Naipaul, Pico Iyer ou Pankaj Mishra articulam um sentido de descentramento em relação à Europa, à América do Norte, ao imperialismo e à globalização. Tem sido importante a contribuição teórica de Mary Louise Pratt (1992, p. 6), que desenvolveu o conceito de “transculturização”, demonstrando como as culturas metropolitanas foram transformadas pela influência da periferia. Pratt lê a escrita da História Natural como uma forma particular da literatura de viagens que facilita a vigilância territorial, a apropriação dos recursos e o controle administrativo. Também são úteis conceitos como “zona de contato” [*contact zone*], em que

visitantes e visitados se chocam e se enfrentam entre si, “com relações altamente assimétricas de dominação e subordinação, como o colonialismo, a escravidão, ou suas sequelas” (PRATT, p. 4); e a noção de “anti-conquista” [*anti-conquest*], que se refere a “estratégias de representação mediante as quais os sujeitos europeus fazem por assegurar a sua inocência no exato momento em que afirmam a hegemonia europeia”. O protagonista da luta contra a conquista é uma figura masculina, “cujos olhos imperiais ficam passivamente à espreita e se apossam” (PRATT, 1992, p. 7). O principal objetivo de Pratt (p. 4) foi a reavaliação da “história vasta, descontínua e sobredeterminada da construção imperial de significados”.² Assim, descoloniza-se o conhecimento em um acentuado compromisso com o descentramento do olhar ocidental e um reposicionamento da relação entre centro e periferia.

Um modelo seguinte do livro de viagem é aquele que relata viagens efetuadas por viajantes românticos alemães, franceses e ingleses que descobrem a Andaluzia, por exemplo, inspirados pela busca de novos conhecimentos e movidos pela atração por destinos longínquos. Entre os livros de viagens se destacam muitos que foram escritos em prosa na época romântica. Os românticos tinham muito interesse pelo pitoresco e pelo singular, além de serem apaixonados pela natureza. Ansiavam por estudar as cores locais e os climas e por representá-los em suas obras de ficção. Além disso, as viagens deram ao escritor romântico o desejo de fuga dos limites de seu eu. As viagens de Goethe à Itália (1786-88), por exemplo, foram muito influentes.

Outro modelo do livro de viagem europeu (incluindo-se os de viajantes espanhóis e portugueses, entre outros) prefere descobrir o exótico em casa, no próprio país, interessado na redescoberta das ruínas medievais, que sempre foram um grande atrativo para os românticos. Um bom exemplo é a obra *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett (1846). No século XX, produziu-se um aumento nos relatos de viagens a lugares próximos e conhecidos, que nos últimos anos incluem aqueles que, via Marc Augé, conhecemos como “não lugares”. Esses livros reinventam um gênero literário e fazem com que observemos com novos olhos a experiência da viagem.

Na literatura catalã e espanhola contemporânea, em razão da censura interna e do distanciamento das principais tendências culturais europeias, os livros de viagem dos anos sessenta do século passado tinham um sentido crítico e social. Esta foi uma forma de se introduzir a crítica social e o comentário sobre a situação política a partir da observação de

² No original inglês: “the vast, discontinuous and over-determined history of imperial meaning-making” (PRATT, 1992, p. 4)

uma realidade atrasada. São livros sobre viagens que exploram lugares familiares, mas que são muitas vezes desconhecidos, denunciando e investigando situações que a maioria das pessoas preferiria esquecer (BOU, 2013).

Particularmente desde os anos oitenta do século XX, pode-se detectar uma tendência de exploração das realidades próximas, nas quais a vida cotidiana é explorada. Vivemos num mundo da sobremodernidade regido pela instantaneidade, a ditadura do presente. A distinção entre ‘nós’ e ‘eles’, entre aqui e lá, tornou-se difusa, o que cria dificuldades para nossa percepção da realidade. Com a diluição de fronteiras imposta pela globalização, é mais difícil distinguir claramente entre centro e periferia. O problema em uma etnologia do ‘aqui’ é que os relatos de viagem ainda devem se ocupar de ‘outros lugares’, mas esse ‘outro lugar’ não pode ser percebido como um objeto singular, diferente ou exótico. Esses viajantes adotam uma atitude excêntrica, entendida como um afastamento do centro, algo característico de qualquer viagem. Mas os viajantes se afastam de uma outra centralidade, a do próprio gênero do livro de viagens, estabelecendo outra forma codificada de viajar e de escrever sobre a experiência.

Tais viajantes não enfrentam as múltiplas dificuldades de difícil compreensão da geografia, idioma, cultura e costumes, que é o estado de espírito do viajante comum que vai a um lugar distante e desconhecido, onde ele se limita apenas a comunicar que não sabe nada, que está desorientado. As características negativas que impedem e complicam as viagens tradicionais tornam-se vantagens na viagem para os “não lugares”, que são as cenas da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

BOU, E. ‘Bienvenidos a ninguna parte’: Viajes a no-lugares. In: CANNAVACCIUOLO, M.; A. ZAVA, A. (Ed.). *Scritture plurali e viaggi temporali*. Venezia: ECF, 2013. p. 111-136.

FUSSELL, P. *Abroad: British Literary Traveling Between the Wars*. Oxford: Oxford U.P., 1980.

GROSS, I.G. Stendhal, Travel Writing, and Plagiarism. *Nineteenth-century French Studies*, v. XVIII, n. 1-2, p. 231-235, 1989-90.

PRATT, M. L. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992.

ROUSSET, J. Lecture d'un ville: Les guides de Rome au XVIIIe siècle. In: *Le lecteur intime: de Balzac au journal*. Paris: J. Corti, 1986. p. 125-138.

SIMMEL, G. Das Abenteuer. In: *Philosophische Kultur*. Berlin: Verlag Klaus Wagenbach, 1983.

p.13-26.

Tradução do espanhol por Maria Mirtis Caser e Wladimir Cazé

***Ver:→ Estado-nação; Globalização; Império; Não lugar ; Pós-colonialismo, Colonialidade; Viagem; Zona de Contato.**